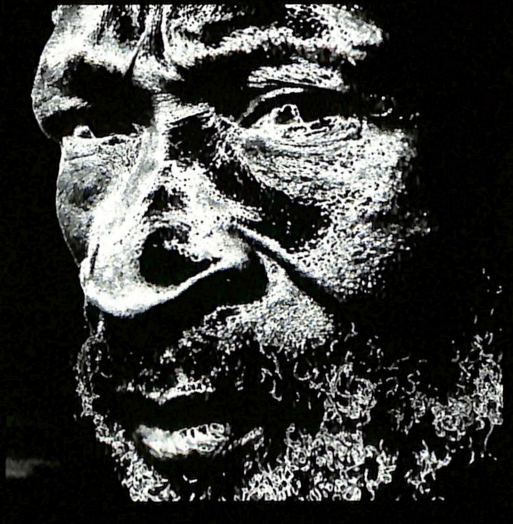
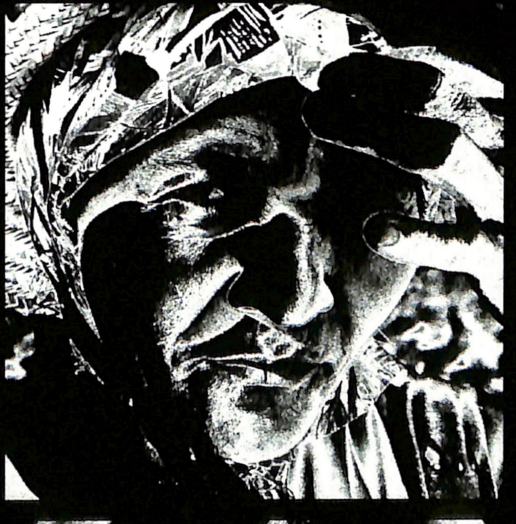
ensaio aberto





MISSA DOS QUILOMBOS






Quando eu era cristão
e queria lutar contra a miséria,
meu dia começava
com um Pai-Nosso.
Tinha fome de divindade.

Hoje, ainda luto contra a miséria,
mas meu dia começa
com um Pão Nosso.
Tenho fome de humanidade.

Betinho

OS CONSTRUTORES DA ESPERANÇA NEGRA

MÚSICAS MILTON NASCIMENTO
TEXTOS PEDRO CASALDÁLIGA & PEDRO TIERRA
DIREÇÃO GERAL LUIZ FERNANDO LOBO
DIREÇÃO MUSICAL E ARRANJOS TÚLIO MOURÃO
CENOGRAFIA CLÁUDIO MOURA
FIGURINO BETH FILIPECKI & RENALDO MACHADO
ILUMINAÇÃO LEYSA VIDAL
PREPARAÇÃO VOCAL AURORA DIAS
PREPARAÇÃO CORPORAL JOANA MARINHO
DANÇAS AFRO BRASILEIRAS VALÉRIA MONÃ & FORRÓ
COREOGRAFIAS (MARIAMA E OFERTÓRIO) PAULA ÁGUAS

ELENCO ANA REGINA GOUVÊA, AURORA DIAS, CHAMON, CLÁUDIO BASTTOS, CRISTIANE DE SOUZA, DEOCLIDES GOUVÊA, FLÁVIA DOS PRAZERES, FERNANDO MUZZI, FORRÓ ALABE, GILBERTO MIRANDA, HELENA CUTTER, JOANA MARINHO, JULIANA RUBIM, LADSTON DO NASCIMENTO, LEANDRO VIEIRA, LETÍCIA SOARES, LUIZA MORAES, MANOEL EVANGELISTA, NELSON REIS, RAFAEL DE CASTRO,VALÉRIA MONÃ E TUCA MORAES

TECLADOS TÚLIO MOURÃO
BAIXO ACÚSTICO JORGE OSCAR
SOPROS JAIRO DE LARA VIOLÃO E GUITARRA RENATO SALDANHA
COORDENAÇÃO DE PERCUSSÃO ROBERTINHO SILVA
PERCUSSÃO RÉGIS GONÇALVES, RONALDO SILVA, PACATO ROADIE E PERCUSSÃO JÚLIO DINIZ

PROGRAMAÇÃO VISUAL DANIEL SOUZA
FOTOGRAFIAS J.R. RIPPER E LUIZ FERNANDO LOBO
CIÊNCIA DO NOVO PÚBLICO GLAUCIA SANTOS, KATIÚSCIA RIBEIRO, LEON DINIZ, MAGNA GONÇALVES E MARILUCI NASCIMENTO
ASSESSORIA DE IMPRENSA ARMAZÉM COMUNICAÇÃO

DIREÇÃO EXECUTIVA TUCA MORAES
DIRETOR DE GESTÃO ROGÉRIO DA SILVA
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO LUCAS MANSOR
DIREÇÃO TÉCNICA CESAR DE RAMIRES & LUIZ FERNANDO LOBO
DIREÇÃO DE CENA DANIEL RODRIGUES
ASSISTENTE DE DIREÇÃO JOANA MAGALHÃES
ASSISTENTE EXECUTIVA E CONTROLER LARISSA BENINI
PRODUTOR ASSISTENTE MARCO CASTELLO
PRODUTOR EXECUTIVO ALÉ BARRETO
CONTRA-REGRA MAICON RODRIGUES
OPERADOR DE SOM ALEX MIRANDA
OPERADOR DE LUZ LUIZ SARTOMEN
ENGENHARIA DE SOM ESPETACLE DOMINIQUE CHALHOUB
MONTAGEM DE LUZ CIA DA LUZ
ASSISTENTE DE DIREÇÃO ESTAGIÁRIA JÚLIA COUTO
AUXILIAR CONTÁBIL IONE MELO
INSTRUTOR DAS MÁQUINAS NILTON SARAIVA
MONTAGEM CENÁRIO E MANUTENÇÃO DAS MÁQUINAS IVAN LESSA E EQUIPE
CENOTÉCNICO ADÍLIO ATHOS

EQUIPE DE COZINHA HILDA ROSA, JÉSSICA REGINA DE SOUZA, MARIA ARLINDA DE SOUZA, MARIA DE FÁTIMA DE SOUZA, SANDRA HELENA DE OLIVEIRA, VALÉRIA DE SOUZA FERNANDES.
EQUIPE DE TRANSPORTE NEUBER ARAÚJO DE SOUZA E MARCEONE DE SOUZA ARAÚJO
EQUIPE DE LIMPEZA JAGNA DOS ANJOS E CREUZA SANTOS
EQUIPE DE SEGURANÇA BRUNO PESSANHA FERREIRA, EDUARDO TRINDADE, JAGARI OLIVEIRA
ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE WORLD CONSULT

A utopia serve para caminhar...
Os nossos agradecimentos a todos que nos ajudaram nessa marcha. São muitos companheiros, parceiros... Não conseguiríamos listar aqui sem sermos injustos.
Um verdadeiro exército de sonhadores...
Muito obrigado.

ensaio aberto



Onde tu dizes lei, eu digo Deus
Onde tu dizes paz, justiça, amor, eu digo Deus
Onde tu dizes Deus, eu digo liberdade, justiça, amor.

Pedro Casaldáliga

UMA TONELADA POR DIA

Meus cúmplices são os negros de todas as raças.

Heiner Müller

Pretos, meus irmãos.

Num dia do ano de 1999 recebíamos o público para mais uma função do espetáculo Companheiros, no Teatro Glauce Rocha, quando chegou o Padre Ricardo Resende. Eu o comprimentei e agradeci sua presença, ele ficou um pouco surpreso. Nós não nos conhecíamos. Ou melhor ele não me conhecia. Eu acompanhava sua luta contra o trabalho escravo. Já éramos companheiros. Naquele dia nascia uma amizade e, sem que eu soubesse, começava a história deste nosso espetáculo. No ano seguinte quando montamos Morte e Vida Severina, Ricardo foi conversar com o elenco sobre a realidade do trabalho escravo no Brasil. O elenco ficou perplexo. Trabalho escravo não era força de expressão. Ao contrário eram dados concretos e alarmantes: a escravidão contemporânea.

Em 1984, Leonardo Boff sentava na mesma cadeira que séculos antes sentou Galileu Galilei diante do Santo Ofício.
Qual era o seu pecado ?

Um documento do Departamento de Estado Americano considera a Teologia da Libertação mais perigosa do que o comunismo.
Por quê ?

Em El Salvador um bispo é assassinado logo após rezar uma Missa. Dias antes tinha previsto seu assassinato, com a certeza que seu corpo ressucitaria na luta de seu povo. Até quando precisaremos de mártires ?

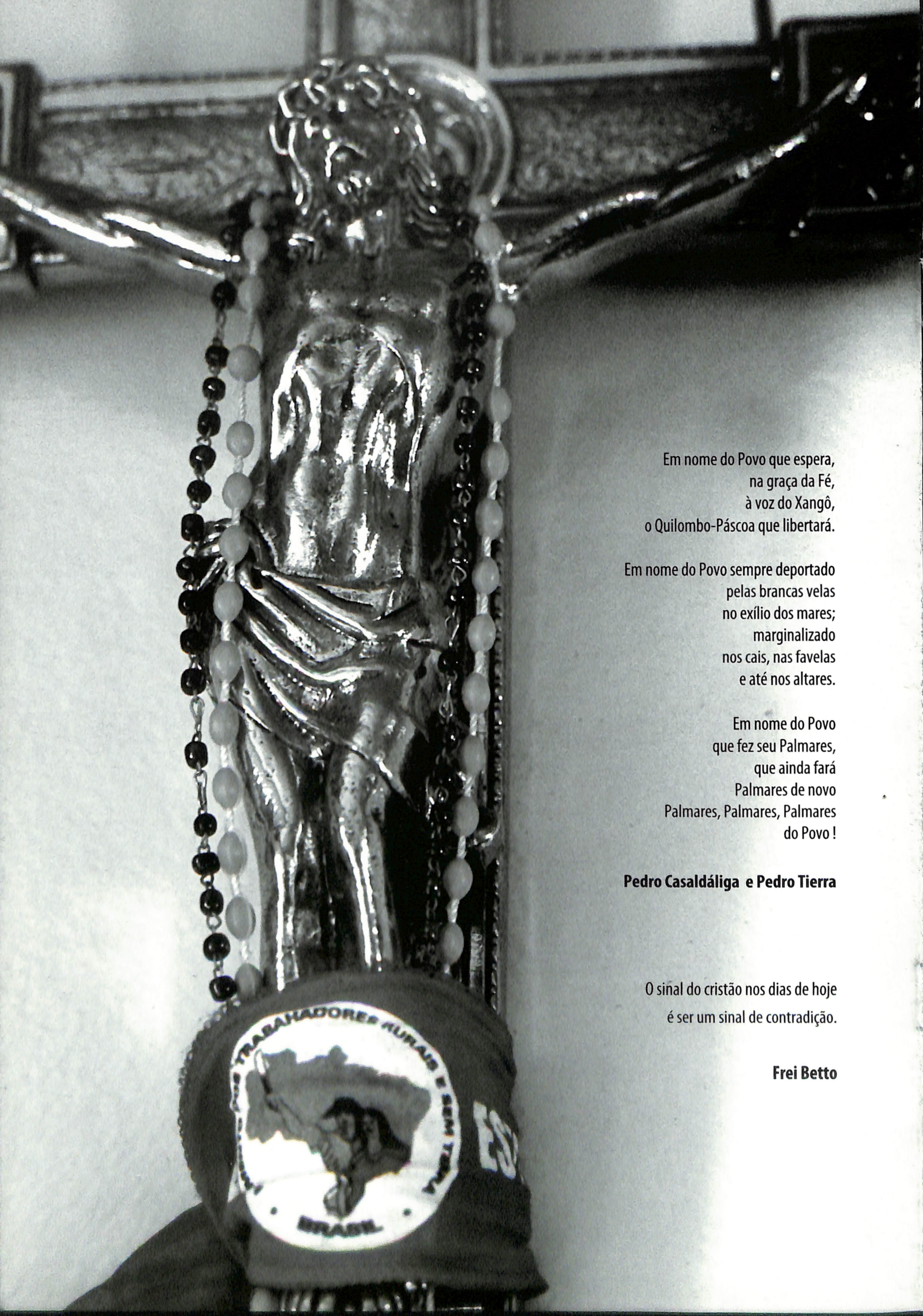
No Brasil, hoje, uma criança corta uma tonelada de cana por dia.
Justiça social ?

A Missa dos Quilombos canta os novos Quilombos, as novas formas de resistência, as novas utopias. A esperança de um mundo mais justo e fraterno. A fé na periferia do mundo, a "memória subversiva de Jesus de Nazaré". Milton e os Pedros se tornaram novos companheiros imprescindíveis nestas lutas de libertação. O elenco mais que profissional foi cúmplice.

Nossos cúmplices são os negros de todas as raças.

Rio de Janeiro / 2002

Luiz Fernando Lobo



Em nome do Povo que espera,
na graça da Fé,
à voz do Xangô,
o Quilombo-Páscoa que libertará.

Em nome do Povo sempre deportado
pelas brancas velas
no exílio dos mares;
marginalizado
nos cais, nas favelas
e até nos altares.

Em nome do Povo
que fez seu Palmares,
que ainda fará
Palmares de novo
Palmares, Palmares, Palmares
do Povo !

Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra

O sinal do cristão nos dias de hoje
é ser um sinal de contradição.

Frei Betto

Em nome de um Deus supostamente branco e colonizador, que nações cristãs tem adorado como se fosse o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, milhões de negros vêm sendo submetidos, durante séculos, à escravidão, ao desespero e à morte. No Brasil, na América, na África mãe, no Mundo. Deportados, como "peças", da ancestral Aruanda, encheram de mão de obra barata os canaviais e as minas e encheram as senzalas de indivíduos desaculturados, clandestinos, inviáveis. (Enchem ainda de subgente para os brancos senhores e as brancas madames e a lei dos brancos as cozinhas, os cais, os bordéis, as favelas, as baixadas, os xadrezes). Mas um dia, uma noite, surgiram os Quilombos, e entre todos eles, o Sinai negro de Palmares, e nasceu, de Palmares, o Moisés negro, Zumbi.

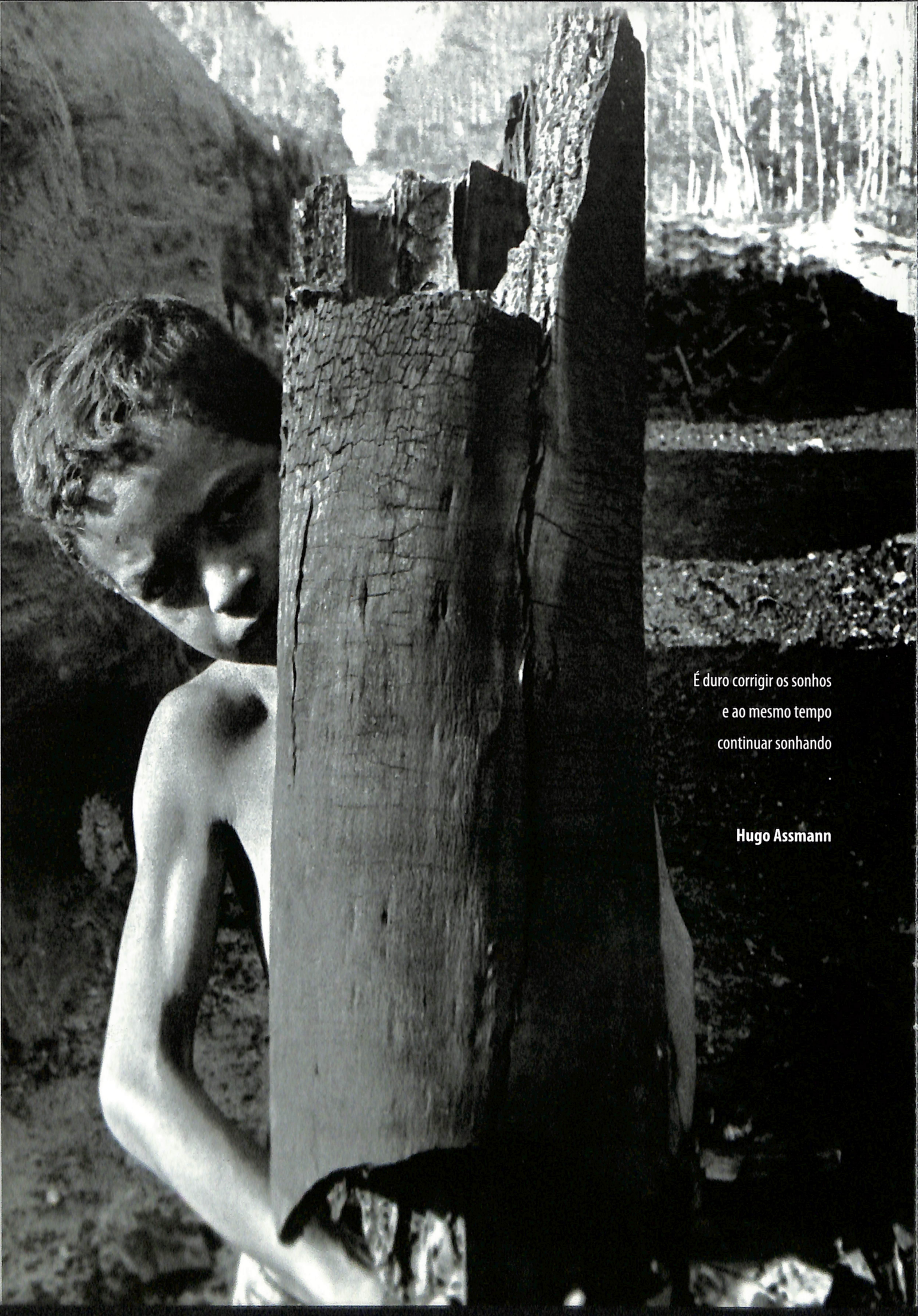
E a liberdade impossível e a identidade proibida floresceram, "em nome do Deus de todos os nomes", "que faz toda carne, a preta e a branca, vermelhas no sangue". Vindos "do fundo da terra", "da carne do açoite", "do exílio da vida", os Negros resolveram forçar "os novos albores" e reconquistar Palmares e voltar a Aruanda. E estão aí, de pé, quebrando muitos grilhões em casa, na rua, no trabalho, na igreja, fulgurantemente negros ao sol da Luta e da Esperança. Para escândalo de muitos fariseus e para alívio de muitos arrependidos, a Missa dos Quilombos confessa, diante de Deus e da História, esta máxima Culpa Cristã. Na música do negro mineiro Milton e de seus cantadores e tocadores, oferece ao único Senhor "o trabalho, as lutas, o martírio do Povo Negro de todos os tempos e de todos os lugares". E garante ao Povo Negro a Paz conquistada da Libertação. Pelos rios de sangue negro, derramado no Mundo. Pelo sangue do Homem "sem figura humana", sacrificado pelos poderes do Império e do Templo, mas ressuscitado da Ignomínia e da Morte pelo Espírito de Deus, seu Pai.

Como toda verdadeira Missa, a Missa dos Quilombos é pascal: celebra a Morte e a Ressurreição do Povo Negro, na Morte e Ressurreição do Cristo. Pedro Tierra e eu, já emprestamos nossa palavra, iradamente fraterna, à Causa dos Povos Indígenas, com a "Missa da Terra sem Males", emprestamos agora a mesma palavra à Causa do Povo Negro, com esta Missa dos Quilombos. Está na hora de cantar o Quilombo que vem vindo: está na hora de celebrar a Missa dos Quilombos, em rebelde esperança, com todos "os Negros da África, os afro da América, os Negros do Mundo, na Aliança com todos os Pobres da Terra".

Pedro Casaldáliga

A teologia volta a redescobrir a "memória subversiva e perigosa de Jesus de Nazaré".

Leonardo Boff



É duro corrigir os sonhos
e ao mesmo tempo
continuar sonhando
.

Hugo Assmann

A MISSA DOS QUILOMBOS E A ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA

Clamando e louvando a Deus de todas línguas, de todos os povos, Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra uniram-se musical e poeticamente e criaram A Missa dos Quilombos. Deus é desvelado amorosamente em manifestações afros e, sob o olhar arguto de Luiz Fernando Lobo e de sua equipe, penetrou no universo operário e camponês, vestido à moda salgadiana. É o Deus de Moisés que liberta o povo da escravidão; é o Deus Filho, primeiro de uma lista de mártires pela causa da vida que irrompe e povoa esperanças de gente de todas cores e culturas. Ele é sentido no mundo do trabalho e é ouvido no ritmo de máquinas industriais - aí tem o talento de Robertinho Silva - que ecoam no meio de um universo onde dores e lutas explodem.

A Missa dos Quilombos não é trazer para o palco um passado arcaico quando o mundo já é outro e outras são as relações sociais? Como falar de quilombos, quando a Lei Áurea é mais que centenária? Contudo suíços foram ao Sudão libertar escravos sequestrados em guerras tribais; famílias cristãs tornaram-se escravas por dívidas no Paquistão; um norte-americano submeteu um brasileiro à escravidão na América do Norte e jornais ingleses e francesas escandalizam a Europa revelando escravidão de imigrantes em Londres e Paris; bolivianos foram libertados da escravidão em São Paulo. A mais antiga ONG de Direitos Humanos no mundo, a Anti-Slavery International, está ativa. A Organização Internacional do Trabalho constatou que nunca houve, sob o ponto de vista absoluto, tantos escravos como no mundo contemporâneo. E novas notícias podem ler lidas e ouvidas na mídia nacional e internacional.

No Brasil, nos últimos anos, as denúncias se referem à escravidão por dívida ou ao trabalho degradante, principalmente em abertura ou manutenção de grandes fazendas na Amazônia. Um estudo, sobre a frente pioneira, citado por J. S. Martins, calculou que no começo dos anos 1960, havia ali entre 250 mil e 400 mil peões trabalhando em fazendas na estação seca. Na década de 1970, uma empresa instalada entre o Pará e o Amapá de um bilionário norte-americano, foi acusada de escravizar milhares de pessoas. Estima-se que, em 1973, houve ali pelo menos 100 mil vítimas do crime na Amazônia. Uma única fazenda, a Suiá-Missú (MT), precisava empregar mais de 21 mil trabalhadores para derrubar a mata, semear o capim, limpar os pastos, preparar as cercas. A propriedade tinha quase 700 mil hectares, dos quais cerca de 217 mil hectares incluídos nas atividades agropecuárias propriamente ditas. Como a regra era desrespeitar as leis, reter os peões nas fazendas sob o pretexto de dívida, com o auxílio de homens armados, pode-se supor que boa parte dos aliciados das diversas fazendas não trabalhava livremente. Na década de 1980 eclodiram denúncias contra muitas grandes empresas de capital financeiro e industrial que, na Amazônia, criavam gado com apoio econômico do próprio governo. Na década seguinte, a liberação de verbas para as atividades de desflorestamento e as isenções de impostos foram suspensas e muitas dessas empresas venderam suas propriedades. Mesmo assim, a Comissão Pastoral da Terra, de 1988 a 1999, recebeu denúncias de que houve pelo menos 101.962 escravizados no Brasil em 242 imóveis. Em 2000, a mesma Comissão Pastoral estimou que, em apenas dois municípios do sul do Pará, mais de 10 mil pessoas foram escravizadas. Os escravagistas nem sempre foram pessoas desinformadas, fazendeiros turrões e primários, mas empresas de grande porte, mesmo internacionais.

Tem havido um crescimento do número conhecido das vítimas. Contudo, o número conhecido não significa necessariamente o número de escravizados. A quantidade real de vítimas não é possível mensurar. Trata-se de uma escravidão temporária em que pessoas são vendidas sem se passar recibo. Além disso, apesar do trabalho extraordinário dos Grupos Móveis do Ministério do Trabalho e Emprego e das denúncias da Comissão Pastoral, as fiscalizações dos imóveis por parte do governo ainda são insuficientes. Há demora nas apurações, as penalidades são leves e há reincidência no crime, mesmo em casos onde houve condenação. Mesmo com todos os limites, entre 1995 e 2010, o Grupo Móvel libertou 39.180 pessoas e inspecionou 2.844 estabelecimentos. Se para cada libertado, houver sete não libertados, como apontou uma pesquisa recente e não conclusiva, o número de trabalhadores pode ter ultrapassado no mesmo período a mais de 200 mil pessoas.

A Missa dos Quilombos é um manifesto abolicionista dessas e de outras escravidões; é um convite ao respeito à diversidade das manifestações religiosas e é uma homenagem aos nossos irmãos e irmãs vindos da África. Rememora o homem-Deus Jesus, que entregou sua vida, sua história, seu corpo e seu sangue, pela salvação da humanidade. Ele, assassinado numa cruz, depois de ter sido julgado em dois tribunais, o religioso e o político-militar, ressuscitou. A Missa é um espetáculo de beleza e convocação.

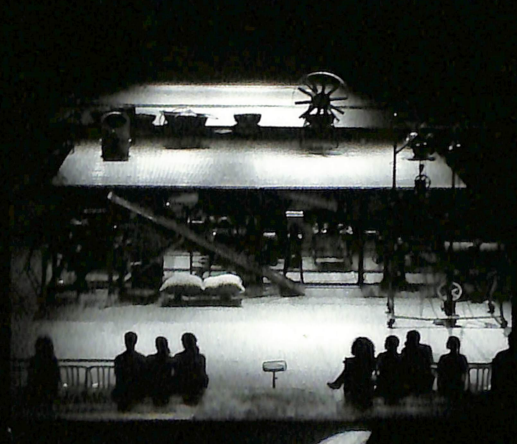
Parabéns Ensaio Aberto.

Padre Ricardo Rezende Figueira







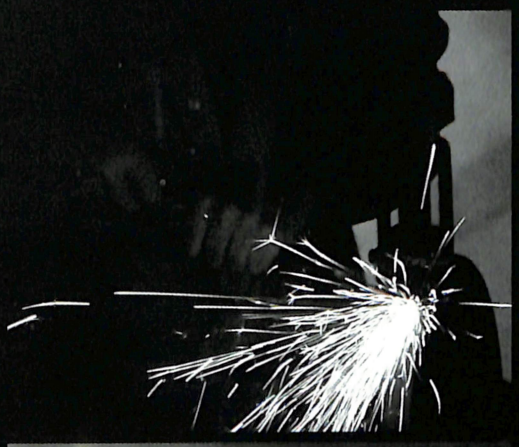
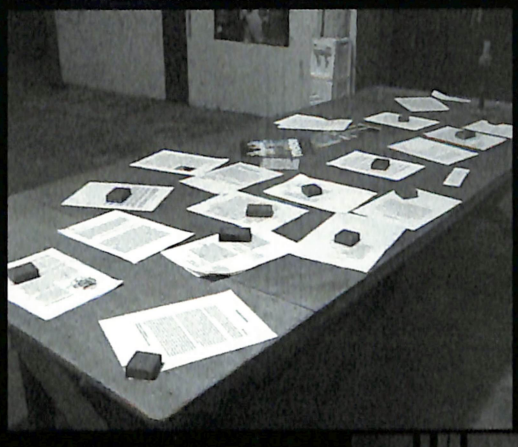













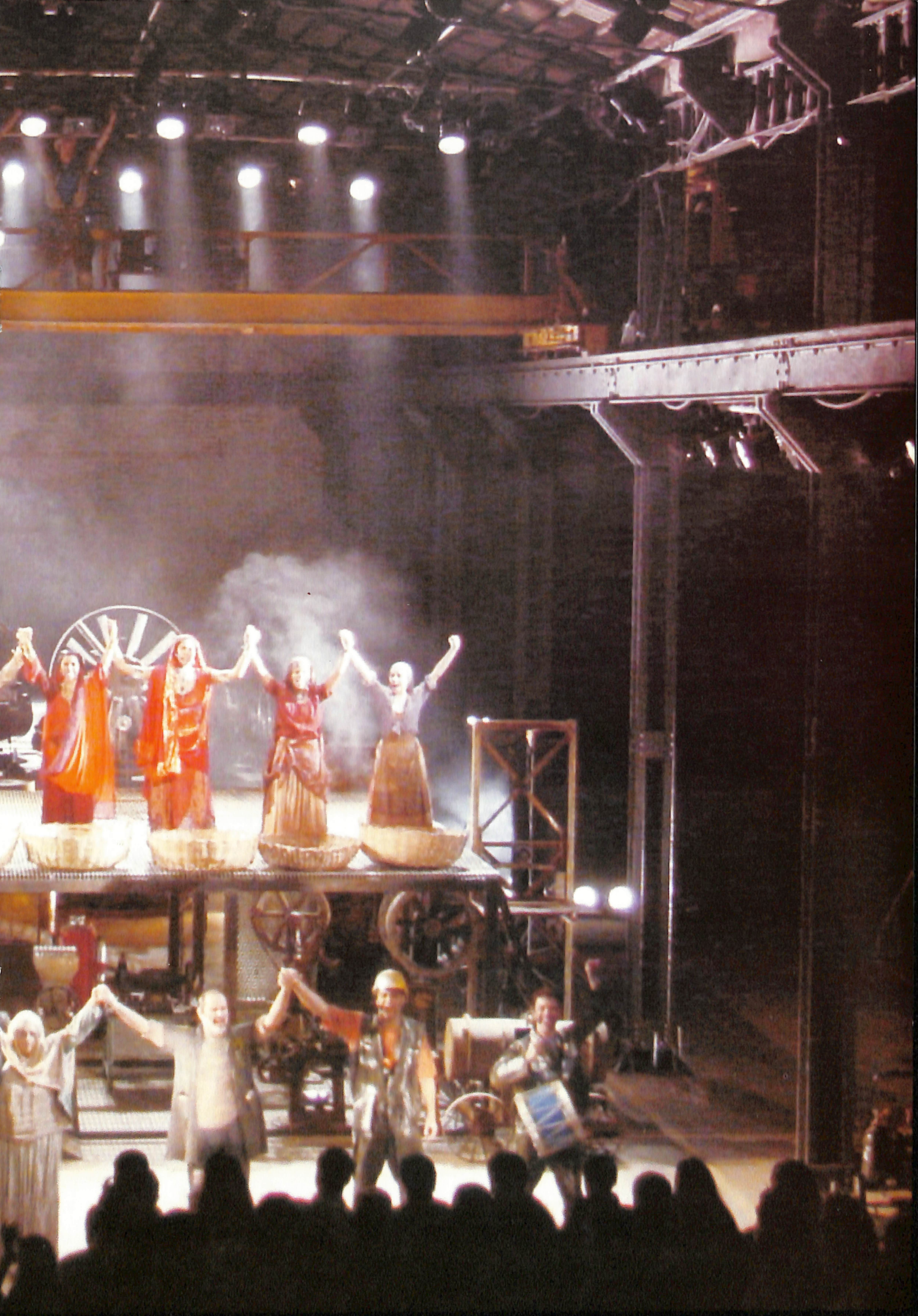








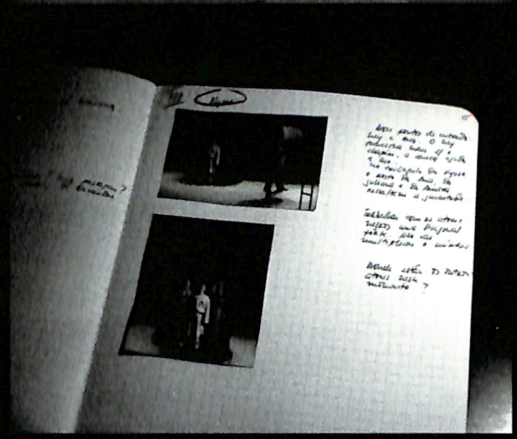
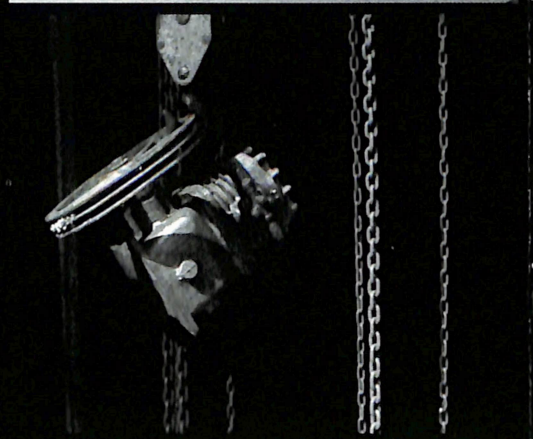




















A questão primordial que as igrejas se sentiam na urgência em responder era: como ser cristão num mundo crítico, adulto, funcionalista? Descobriu-se um desafio ainda maior, vindo das periferias da Ásia, África e especialmente América Latina: emergem os pobres como fenômeno social, as grandes maiorias, marginalizados dos benefícios do processo produtivo e explorados como excedentes de uma sociedade que privilegia soluções técnicas a soluções sociais para os seus problemas. A questão é: como ser cristão num mundo de empobrecidos e miseráveis? O tempo das reformas no sistema já passou; importa um processo de libertação no qual os pobres recuperem sua dignidade aviltada e ajudem a gestar uma sociedade, não necessariamente rica, mas justa e fraterna.

Leonardo Boff

No final da década de 50 iniciou-se um novo período na história das relações entre religião e política na América Latina, período esse que ainda continua e cujo final é imprevisível. Suas origens podem ser encontradas em dois eventos históricos que ocorreram quase que simultaneamente em 1958-59: um deles no Vaticano - a eleição do Papa João XXIII - e o outro com uma ilha caribenha: a vitória da Revolução Cubana.

Michael Löwy - A Guerra dos Deuses

A política externa norte-americana deve começar a enfrentar a teologia da libertação (e não simplesmente reagir a ela após o fato)... na América Latina o papel da Igreja é vital para o conceito de liberdade política. Infelizmente, forças marxistas-leninistas usaram a Igreja como uma arma política contra a propriedade privada e o sistema capitalista de produção, infiltrando a comunidade religiosa com idéias que são mais comunistas que cristãs.

A New Interamerican Policy for the Eighties - Santa Fe, maio de 1980.

...a teologia da libertação deve ser examinada, como uma doutrina política disfarçada da crença religiosa, que é antipapal e contra a livre empresa e destinada a enfraquecer a independência da sociedade em face do controle do Estado.

Santa Fe, una estrategia para América Latina en los noventa. 1988.

Na origem do cristianismo se encontra um excluído social, um condenado político, um crucificado: Jesus de Nazaré. A razão da exclusão foi querer incluir àqueles a quem a sociedade e a religião se empenhavam em excluir. A opção pelos pobres foi a prática fundamental de Jesus e deve converter-se hoje em critério de universalidade e credibilidade do cristianismo. Ele exige contribuir para a libertação dos crucificados da cruz e criar condições de ressurreição, isto é, de vida digna.

Leonardo Boff

Cabe aos teólogos, como tarefa primordial, a libertação da teologia, porque sem isto não pode haver teologia da libertação; a teologia que temos não é muito saudável para a vida humana.

Hugo Assmann - O Mar se Abriu

Por lugar do pobre entendemos a causa dos pobres, sua existência sacrificada, sua luta, seus interesses por vida, trabalho, dignidade e prazer. Assumir o lugar do pobre representa o primeiro gesto de solidariedade. Assumir o lugar de sua ótica.

Leonardo Boff

A grande luta dos homens se trava por um pouco de pão conquistado pelo trabalho, vivendo em cima de um chão próprio, debaixo de um modesto telhado e com um mínimo de participação social conseguida mediante a educação.

Leonardo Boff





Posso falar da poesia do Pedro Tierra porque faz anos a sentimos juntos. Parceiro na Missa da terra sem males e na Missa dos quilombos, meu compadre até, acompanhei sua prisão, sua família, sua paternidade, suas andanças pelo CIMI, na CPT, no PT, na coibida política de Brasília, nos sucessivos poemas que ele vem soltando como chamas, como pedras - pedras no caminho, indicadoras, pedras de monumento, acordadas.

Pedro Tierra é, sobretudo, poeta, irremediavelmente poeta. Confidência sua:

" - Por que você escreve?"
" - Porque não tenho como não escrever."

Escrever poesia, sempre, mesmo sendo prosa, uma carta, talvez, um bilhete. Sempre aquela "palavra emocionada" como diria nosso catalão Maragall.

Poesia militante, sempre também. Frente a tantas reticências, mais ou menos claudicantes, desta hora light do neoliberalismo mercantilista e do narcisismo pós-moderno, ele, o Tierra, terra mesmo, chão daqui, é um poeta comprometido, sem medo de sê-lo. Sua palavra não só constata as lutas populares, as resistências insurgentes ou os martírios e massacres e a repressão - ditatorial ou democrática, militar ou econômica - não só constata, nem só grita, reivindica engajada, mobiliza com todos os sangues convocados.

Sempre ao lado, no meio do Povo, do "povo da noite": indígena, negro, camponês, operário, comadre, migrante, preso, da rua, da fome, da ira, da luta. E é por isso que seus poemas - mesmo na qualidade literária que os abriga ou os desnuda - são "populares" e viraram cantatas, hino, cartaz, camiseta, cartão postal, anonimato.

(...) Pedro Tierra é um poeta historiador, épico a seu modo, sendo ao mesmo tempo personalíssimamente lírico. (Um bom poeta nunca deixa de ser lírico). Mais: a poesia de Pedro Tierra é inevitavelmente revolucionária. A poesia, digo, porque nunca é panfleto barato. Meu compadre é exigente na lapidação da palavra. Aprimora, caça a imagem, laça o adjetivo, enxuga.
Três substantivos poderiam definir a alma-conteúdo da poesia de Pedro Tierra:

A TERRA. Porque é telúrico, do Goiás / Tocantins camponês do Centro-Oeste coração do Brasil. E porque as lutas que mais canta são camponesas.

A INDIGNAÇÃO ÉTICA. Porque todos os seus poemas são "testemunhos indignados" como reza o subtítulo deste livro.

A MEMÓRIA. Do reverso. Da História outra. Da real História. Memória, sobretudo dos mortos viventes, sobreviventes, dos que nos precedem na caminhada, abrindo futuro, garantindo a utopia, dos que com sua morte nos permitem viver com dignidade, ao sol da História.

No mais a poesia de Pedro Tierra é poesia geopoliticasocioculturalmente nossa, com uma incontestável identidade crioula.

(...) Ainda uma observação. Esta poesia do nosso Pedro Tierra, não é triste: a Teologia latino-americana da Libertação ensina que o contrário da alegria é o medo... Medo não tem poesia, medo não teve nunca a vida deste poeta, militante, torturado, condenado, livre. Dolorosos, irados, isso sim, com sabor de sangue e pranto às vezes, estes poemas-testemunho sabem terminar com um aceno de ressurreição. Todas as mortes vividas ressuscitam!

TIERRA, Pedro. Dies Irae - Oito testemunhos indignados e uma ressurreição. Brasília, 1999.

Pedro Casaldáliga

REPERTÓRIO 1993-2011

2011

AS PEDRAS DO CAIS • De Luiz Fernando Lobo e Pedro Tierra • *Armazém da Utopia - RJ.*
HAVANA CAFÉ • De Luiz Fernando Lobo e João Batista • *Armazém da Utopia - RJ.*
7 SENTIMENTOS CAPITAIS CORPOS E CIDADES • De Luiz Fernando Lobo • *Armazém da Utopia - RJ. / Teatro Margarida Schiwasapa - PA.*

2010

7 SENTIMENTOS CAPITAIS CORPOS E CIDADES • De Luiz Fernando Lobo • *Caixa Cultural Brasília - DF.*
AS PEDRAS DO CAIS • De Luiz Fernando Lobo e Pedro Tierra • *Armazém da Utopia - RJ.*

2009

SOBRE O SUICÍDIO • De Karl Marx • *Teatro SESC Copacabana - RJ.*

2008

ESTAÇÃO TERMINAL • De João Batista, a partir de Lima Barreto • Palácio da Praia Vermelha / Fórum de Ciência e Cultura - RJ. / Auditório Horácio Macedo - Fundão - UFRJ.

2007

ESTAÇÃO TERMINAL • De João Batista, a partir de Lima Barreto • *Spill Festival - Londres/Inglaterra.*
HAVANA CAFÉ • De Luiz Fernando Lobo e João Batista • *Teatro Café Pequeno - RJ.*

2006

OLGA BENARIO, UM BREVE FUTURO • De Luiz Fernando Lobo • *Caixa Cultural - Teatro de Arena -RJ.*
MISSA DOS QUILOMBOS • De Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra • *Palácio das Artes - Belo Horizonte/MG.*

2005

HAVANA CAFÉ • De Luiz Fernando Lobo e João Batista • *Teatro Municipal - São João Del Rey/MG. / Teatro Popular de Rio das Ostras - RJ. / Teatro Vânia Campos - Itaúna/MG. / Bar Avenida - SP.*
MISSA DOS QUILOMBOS • De Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra • *Teatro Plínio Marcos - Brasília/DF. / Teatro Municipal - Santo André/SP.*

2004

HAVANA CAFÉ • De Luiz Fernando Lobo e João Batista • *Porto dos Palcos - Armazém do Rio - RJ. / Teatro Municipal de Niterói - RJ. Lonas Culturais - RJ. Teatro Café Pequeno - RJ. / Café Teatro de Arena - RJ.*
MISSA DOS QUILOMBOS • De Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra • *Estádio Ipatingão - Ipatinga/MG. / Teatro Alfa - São Paulo/SP. Teatro Sesiminas - Belo Horizonte/MG. / Teatro Plínio Marcos - Brasília/DF. / Teatro do SESI - Porto Alegre/RS.*

2003

DOM JOÃO VI • De Helder Costa • *CCBB - Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I -RJ.*
MISSA DOS QUILOMBOS • De Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra • *Armazém 5 - RJ. / Ópera de Arame - Curitiba/PR.*

2002

MISSA DOS QUILOMBOS • De Milton Nascimento, Pedro Casaláçliga e Pedro Tierra • *Armazém 5 - RJ. / Teatro Odylo Costa Filho - RJ.*

2001

FILHOS DO SILÊNCIO • De Luiz Fernando Lobo • *Teatro Nacional - Brasília/DF.*
JOÃO E ROSA • De João Batista, a partir de João do Rio • *Centro de Arte Hélio Oiticica - RJ.*
MORTE VIDA SEVERINA • De João Cabral de Melo Neto • *Teatro João Caetano - RJ.*
COMPANHEIROS • De Luiz Fernando Lobo • *Teatro Odylo Costa Filho - RJ.*

2000

MORTE VIDA SEVERINA • De João Cabral de Melo Neto • *Castelo São Jorge - Lisboa/Portugal*
COMPANHEIROS • De Luiz Fernando Lobo • Teatro Glauce Rocha - RJ. / *Teatro A Barraca - Lisboa/Portugal.*

1999

COMPANHEIROS • De Luiz Fernando Lobo • *Teatro Glauce Rocha - RJ.*

1997

O INTERROGATÓRIO • De Peter Weiss • *Teatro da Aliança Francesa de Botafogo - RJ.*

A MÃE • De Bertolt Brecht • *Cine Teatro Dina Sfat - RJ. / Centro Cultural Gama Filho - RJ. / Liga Operária Camponesa - Belo Horizonte/MG. Teatro Marília - Belo Horizonte/MG. / Teatro SESC São João de Meriti - RJ. / Teatro da Aliança Francesa de Botafogo - RJ.*

1996

A MÃE • De Bertolt Brecht • *Teatro da Aliança Francesa de Botafogo - RJ.*
O NOVIÇO • De Martins Penna • *Teatro Villa Lobos - Ciclo de Leituras - RJ.*
BÓSNIA, BÓSNIA • De Ad de Bont • *Teatro Rosinha Mastrângelo - Santos/SP. / Festival Nacional de Teatro*

1995

O NOVIÇO • De Martins Penna • *Teatro da Aliança Francesa de Botafogo - RJ. / Teatro do SESI - RJ.*
BÓSNIA, BOSNIA • De Ad de Bont • *Teatro da Aliança Francesa de Botafogo - RJ.*
CABARÉ YOUKALI • De Kurt Weill e Bertolt Brecht • *Teatro da Aliança Francesa de Botafogo - RJ.*

1994

CEMITÉRIO DOS VIVOS • De João Batista, a partir de Lima Barreto • *Teatro Carlos Gomes - RJ.*

1993

A MISSÃO • De Heiner Müller • *Paço Imperial - RJ.*
PIERRÔ SAIU À FRANCESA • De Luis Carlos Saroldi • *Teatro Nelson Rodrigues - RJ.*
CEMITÉRIO DOS VIVOS • De João Batista, a partir de Lima Barreto • *Palçáio da Praia Vermelha - RJ.*

ENSAIO ABERTO - 18 ANOS

(Para Luiza Lobo - 13 anos)

Há homens que lutam um dia, e são bons; há homens que lutam por um ano, e são melhores;
há homens que lutam por vários anos, e são muito bons;
há outros que lutam durante toda a vida, esses são imprescindíveis.

Bertolt Brecht

18 anos. 216 meses. 936 semanas. 6.570 dias.

A matemática acima me dá a dimensão real desta década de trabalho. 18 anos é pouco. 6.570 dias é muito.

Para nós da Ensaio Aberto, o planejamento é anual, mas as metas são diárias porque a revolução se faz no dia-a-dia. "Quando o extraordinário se torna cotidiano, aí é a revolução", dizia nosso companheiro Che. Matando um leão por dia, forçando caminhos, ocupando espaços, hoja a Companhia Ensaio Aberto tem o extraordinário em seu cotidiano traduzido no rigor do ofício, na coerência do repertório, na superação das contradições, que são muitas, na visão de mundo, no seu método de trabalho mas é na ciência de um novo público que nos superamos.

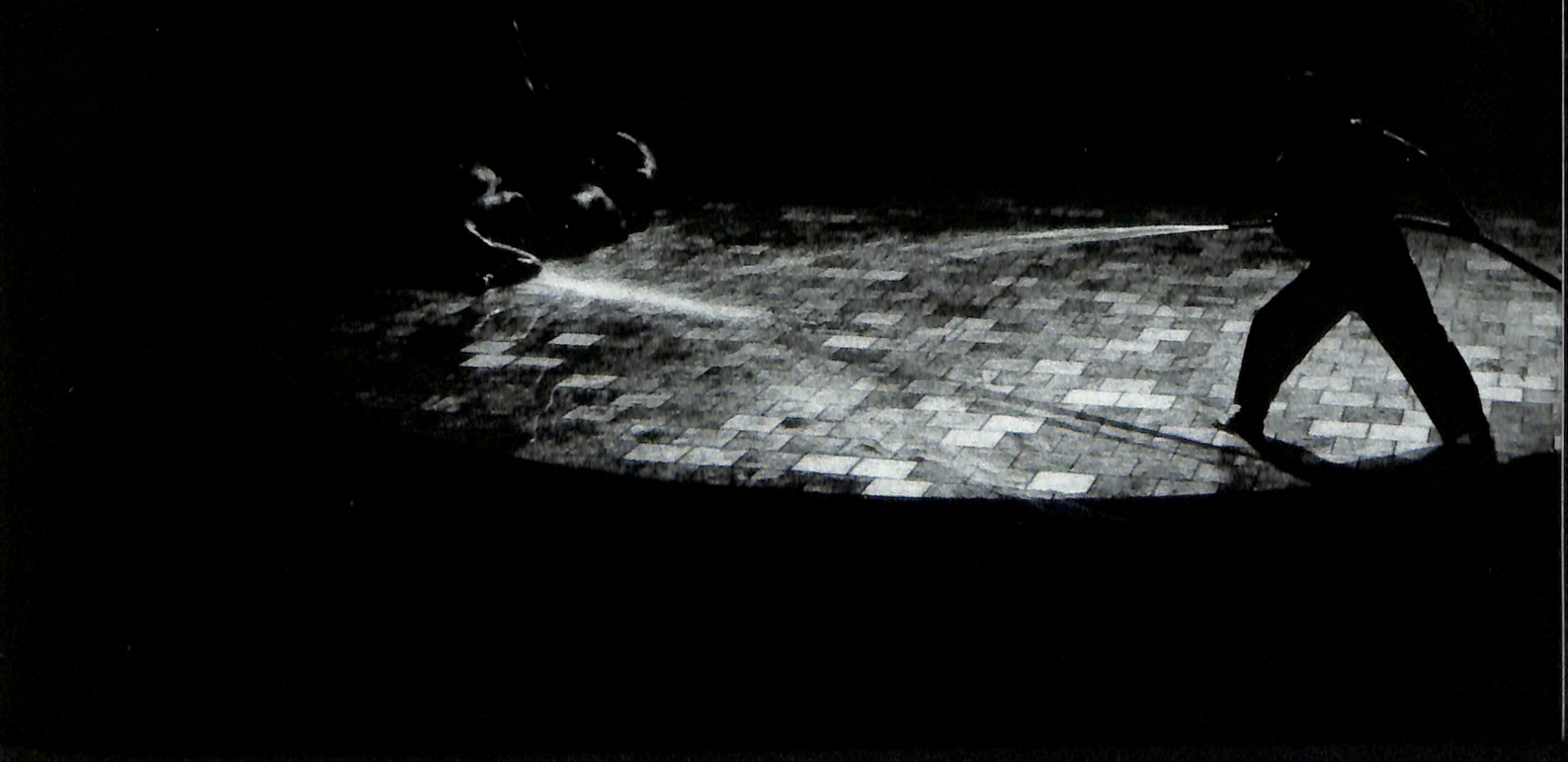
Uma relação que qualquer produtor cultural bem formado aprendeu: qual é o meu público?

Nascemos fora de um teatro, crescemos apesar dos críticos, amadurecemos sem dinheiro, sem estabilidade, na contra-mão do mercado, com companheiros tombados pelo caminho, ou seja, em condições adversas. Quem são nossos cúmplices?

A resposta foi fácil. Longo foi o percurso até chegarmos a eles. Longa foi a caminhada. Hoje, a companhia ainda administra carências mas nosso público, os sem terra, os descamizados, os excluídos da sociedade estão lá. ouvindo João Cabral de Mello Neto, Pablo Neruda, Darcy Ribeiro, Brecht, Che Guevara, Chico Buarque, Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga, Pedro Tierra, Sub-Comandante Marcos, Paulo Freire, Marx, Leandro Konder, Josué de Castro, Betinho, Leonardo Boff e tantos outros. Nossos atores a cada espetáculo descobrindo estas referências tão distantes dos palcos e dos refletores.
Este é o saber que nos interessa.

18 anos foi só uma etapa. Datas são pontas de iceberg. Caminharemos muito ainda...
Obrigada Luiz Fernando.
Obrigada aos parceiros e cúmplices desta longa jornada.

Tuca Moraes
Diretora de produção desde 1992







PATROCÍNIO

RIO PREFEITURA CULTURA

SESI Conselho Nacional

REALIZAÇÃO

PALMARES FUNDAÇÃO CULTURAL

IEA instituto ensaio aberto

PROMOÇÃO

CLUBE DO ASSINANTE O GLOBO

plurex mídia em ônibus

APOIO

COMPANHIA DA LUZ

ALL Distribuidora

alfa

La Fiorentina desde 1913

CANTINA DONANNA

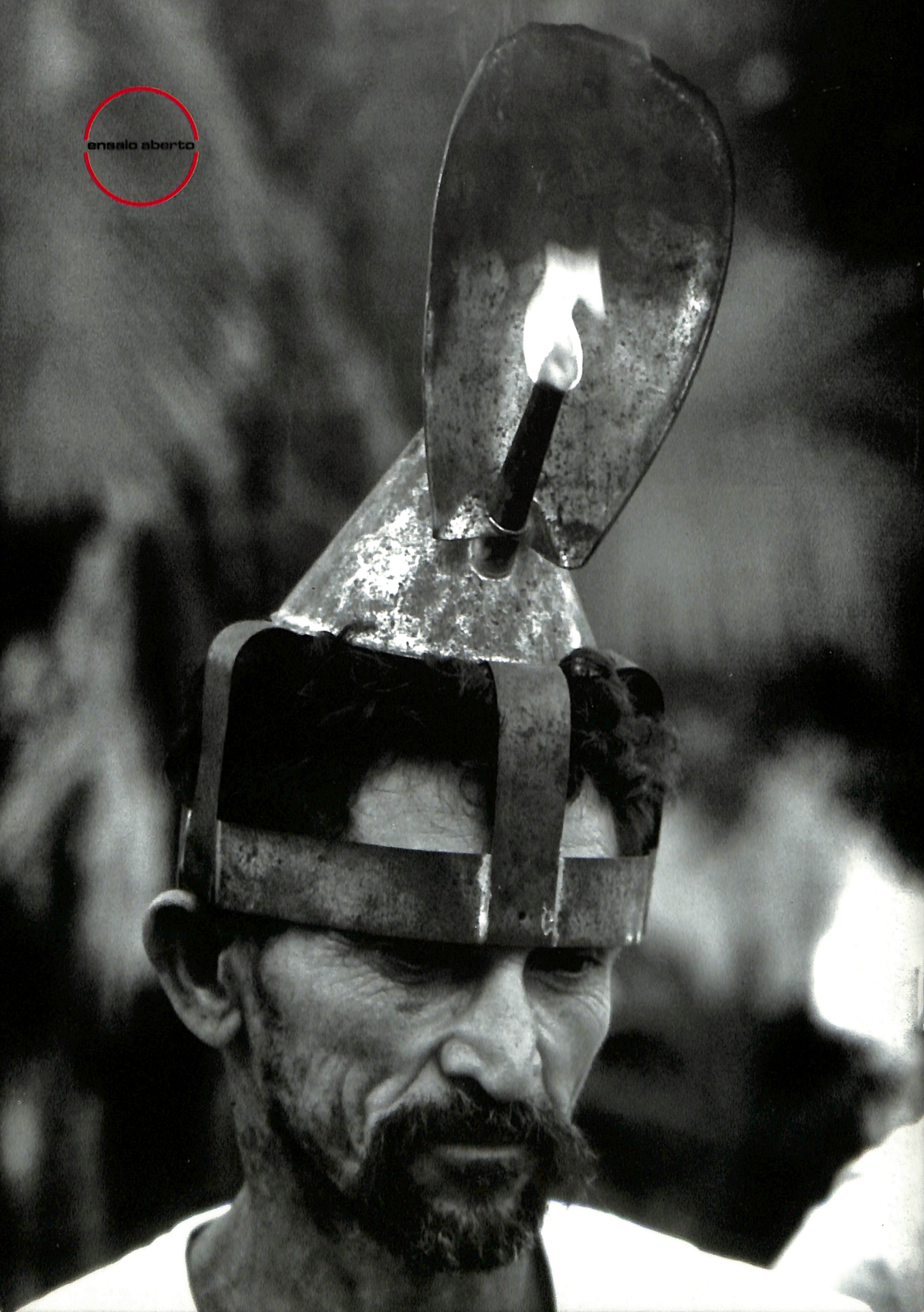
ITANHANGÁ Gaza

armazém COMUNICAÇÃO

EMPÓRIO DOS GASES www.emporiodosgases.com.br

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA


ensaio aberto